

RÉQUIEM E O PAPEL FEMININO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

REQUIEM AND THE FEMALE ROLE IN WORLD WAR II

Greice Luize Schaefer da Silva¹⁸

RESUMO: O presente artigo discute o papel feminino das mulheres japonesas durante a Segunda Guerra Mundial através de uma análise da obra de ficção *Réquiem* (1972), de Shizuko Gô. De protetoras do lar a produtoras de armamento, muitos foram os papéis que as mulheres foram obrigadas a ocupar durante o período de guerra e Shizuko transita por cada um deles em sua obra. E é sobre como são representadas essas múltiplas participações das mulheres que gostaria de discorrer, fazendo um paralelo entre as múltiplas narrativas femininas que a autora representa em seu texto e os registros históricos da época aos quais temos acesso. Neste trabalho, retiro alguns trechos da obra *Réquiem* a partir dos quais podemos refletir sobre a presença da mulher na Guerra.

Palavras-chave: *Réquiem*; Segunda Guerra Mundial; papel feminino; mulheres japonesas.

ABSTRACT: The present work intends to discuss the female role of Japanese women during World War II through an analysis of Shizuko Gô's work of fiction *Requiem* (1972). From home protectors to weapons producers, many were the roles women were forced to occupy during the war period and Shizuko transited between each of them in her work. And it is about how these multiple

¹⁸ Graduanda do curso de Bacharelado em Tradução Português-Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. e-mail: greice.schaefer@ufrgs.br.

participations of women are represented in this book that I would like to discuss, paralleling the multiple female narratives that the author represents in her text and the historical records of the time to which we have access. In this work, I take some excerpts from *Requiem*, from which we can reflect about the presence of women in the War.

Keywords: *Requiem*; Second World War; Female Role; Japanese Woman.

INTRODUÇÃO

A história é contada pela mão dos homens. Os governantes, os historiadores, os escritores, todos contribuem para que a narrativa histórica seja contada do ponto de vista masculino, daquele que observa os seus semelhantes e, portanto, demais homens os quais serão descritos como os grandes heróis. O papel feminino na história é apagado, numa narrativa de cunho político e militar que é protagonizada pelos próprios escritores. A organização do mundo em estados nacionais é recente (HOBSBAWM, 1992, p. 18) e, mais do que o estudo de história em si, a forma como ela é contada é uma ferramenta utilizada para unir pessoas das mais diversas origens sob o guarda-chuva do termo “Nação”. Mas, mais do que apenas fomentar um sentimento de nacionalismo, essa construção de um passado comum, serve aos seus escritores, que idealizam a construção dessas narrativas com objetivo de realizar a manutenção de um espaço de poder e de domínio sob aqueles que não tem voz para escrever sobre a sua própria história. Dessa forma, o estudo da história através de olhares múltiplos, através de diferentes pontos de vista e com diferentes focos, é

fundamental não apenas para o estabelecimento de uma consciência cultural capaz de abranger toda a nação, mas também para a desconstrução dos discursos nacionalistas que conscientemente ignoram o papel daqueles que não escrevem a história. O apagamento de vozes nessas narrativas está ligado a objetivos político-ideológicos bem como ao estabelecimento e manutenção de relações de poder entre os membros de uma comunidade. Assim, quanto mais vozes históricas forem ouvidas, mais as relações de poder se enfraquecem, dando lugar a uma comunidade cada vez mais consciente de seu papel na construção do estado que, ao contrário do que os registros históricos acessíveis à população dizem, não é construída pela mão de um pequeno grupo de poderosos e grandes líderes.

Nas palavras de Itsue Takamura (2015), a pesquisa histórica japonesa é superficial e é necessário que se utilize a derrota na Guerra como uma oportunidade para refletir sobre essa história. Embora Itsue, em 1967, estivesse referindo-se a uma história ainda mais longínqua do que a que proponho revisitar neste artigo, as palavras da autora merecem atenção especial e a necessidade vista por ela pode ser estendida a uma análise de toda a história do Japão, inclusive da história que, naquele momento, era o presente da própria autora. Se, dentro do próprio Japão, há autoras levantando a questão da necessidade de se revisitar a história do país pelo ponto de vista feminino, o que indica que nem as próprias mulheres japonesas tem pleno conhecimento de sua história, o que conheceria um leitor brasileiro, que mal tem acesso à história contada pelo grupo dominante, sobre a história das mulheres naquele país? Do

ponto de vista ocidental, o que comumente se estuda acerca da Segunda Guerra Mundial, é a conjectura política europeia do período, seus antecedentes, movimentos e consequências, e eurocentristas, o Japão tende a ser estudado como um personagem secundário, lembrado quase que exclusivamente pelo ataque em Pearl Harbor e pelas bombas de Hiroshima e Nagasaki. Entretanto, na Ásia, o Japão ocupava um papel de protagonismo que era justificado dentro de seu próprio povo através dos discursos nacionalistas ensinados nas escola e é injustificável que se conte apenas as histórias dos homens que movimentaram a guerra mantendo mais da metade da população à sombra dessa narrativa oriental que está ainda mais à sombra, na narrativa ocidental.

É principalmente por essa razão que livros como o de Shizuko, sobre o qual pretendo discorrer ao longo do artigo, têm papel fundamental na escrita dessas narrativas marginalizadas que não estão nos livros orientais de história, muito menos nos ocidentais. E é justamente pela importância histórica que esse tipo de literatura tem que sua tradução é fundamental para entendermos como funcionava a organização interna do país na época e como se propagava o discurso nacionalista, especialmente do ponto de vista da parcela que não detém o poder político local. Essa se torna uma forma importante de, através das narrativas ficcionais, nos voltarmos às narrativas reais para que possamos entender os eventos do passado e, conseqüentemente, do presente.

SOBRE A OBRA

Gô Shizuko, sob nome de Yamaguchi Michiko, nasceu em 1929, na cidade de Yokohama onde formou-se na escola feminina de Tsurumi. É possível dizer que Shizuko faz parte do princípio de uma geração de escritoras modernas que toma forma a partir de 1980, década seguinte à sua primeira publicação, e encontraram público num Japão hiper-comunista questionando os valores da sociedade vigente, especialmente o de “boa esposa e mãe sábia” (LECLERCQ, 2006). No entanto, ao contrário da maioria das autoras desse período, ela nasceu antes da Segunda Guerra Mundial e fez parte do conflito em seu período de escola e, assim como a personagem que escreveu, também tinha 16 anos quando o conflito acabou. Por isso, Shizuko consegue descrever as dores da protagonista de forma tão vívida, de forma que não é possível desassociar a imagem da autora da imagem da personagem.

Réquiem (レクイエム), o primeiro e um de seus principais romances, foi publicado em 1972 e foi ganhador do prêmio Akutagawa em 1973. A tradução da obra para o português foi feita por Sonia Moreira a partir da tradução para inglês e foi publicada no Brasil em 1994 pela editora Record. O livro, por vezes em primeira pessoa, por vezes em terceira, conta a história de Setsuko Ôizumi e sua amiga Naomi Niwa durante o período da Segunda Guerra, especialmente através das mensagens que ambas trocavam em um caderno. Através da visão de Setsuko ganhamos ciência do sentimento nacionalista extremo que compôs a base do fascismo japonês do período e, em contrapartida, através da visão de Naomi, vemos a realidade daqueles que se opunham ao sistema e eram tidos como

traidores. A narração inicia quando Setsuko, já no avançado da guerra, se esconde no abrigo antiaéreo e a partir daí conhecemos a história da personagem através de múltiplos saltos temporais que contam desde o dia em que sua família constrói o abrigo onde ela está escondida até sua luta pela sobrevivência enquanto último membro de sua família a permanecer vivo e, assim, acompanhando uma a uma das perdas da personagem, percebemos o horror da guerra para aqueles que ficam em meio ao caos, aguardando por notícias. A autora se concentra em descrever especialmente em como as mulheres atuavam na guerra, seu cotidiano nas fábricas bélicas e na luta por suprimentos e abrigo para os filhos. A comida escassa, a insalubridade, os escombros, os cadáveres espalhados pelo chão, tudo isso visto pelos olhos de uma criança que se agarrou com unhas e dentes ao discurso nacionalista vendido à população da época, detalhes que, de forma singular, só uma autora como Gô, com o distanciamento do tempo e a proximidade da experiência pessoal, consegue analisar.

SETSUKO E O DISCURSO NACIONALISTA

A protagonista de *Réquiem*, Setsuko, é uma menina do terceiro ano do ensino médio, aluna exemplar, morava com seus pais e irmão mais velho. Seu irmão se alistou no exército, seu pai era trabalhador civil e sua mãe dona de casa, conforme o fim da guerra se aproximava e as forças de trabalho se esgotavam, meninas em idade escolar como Setsuko passaram a ser convocadas para trabalhar nas fábricas. Tanto Setsuko como sua amiga Naomi acabaram por

trabalhar em fábricas que recrutavam turmas inteiras para trabalhar, sendo dois anos mais velha, a turma de Setsuko foi convocada primeiro enquanto a de Naomi ficou para trás. Segundo a narrativa, as meninas mais novas, da turma de Naomi, primeiramente faziam um trabalho de carpintaria, sem muitos afazeres que as fizessem sentir-se necessárias naquele espaço, permitindo até mesmo que as meninas aproveitassem o tempo que lhes sobrava para ler durante o expediente, o que demonstra a relutância que havia na época em permitir que as mulheres atuassem efetivamente no trabalho das fábricas.

Para além do fato de ser uma mulher, Setsuko Ôizumi era uma colegial, o que significa que sua participação na guerra era limitada a poucos papéis. Ajudava sua mãe, Miné, a manter a casa e os mantimentos da família, trabalhou em uma fábrica de válvulas eletrônicas, dentre outras atividades civis que compunham os chamados “esforços de guerra”. Dentre os papéis que a jovem ocupou estava o de enviar cartas às tropas e participar das cerimônias de homenagem e de despedida daqueles que partiam, especialmente aos pilotos que compunham o esquadrão kamikaze:

Abrindo caminho por entre cadáveres nas ruas esfumaçadas, Setsuko só podia compreender a gravidade extrema do que estava acontecendo em termos estritamente pessoais. Mas quando examinou, da Ponte Aoki, a devastação que se espalhava por todos os lados, a palavra ‘bombardeio’ adquiriu para ela um novo sentido. Veio-lhe à mente uma lembrança do passado que agora lhe causava uma angústia profunda. Quando estava na escola primária, Setsuko costumava escrever cartas de encorajamento aos bravos pilotos dos esquadrões de bombardeio de longo alcance. [...] Agora, Setsuko ficava imaginando quantos

chineses aquelas bombas não mataram, quantas vidas e casas de famílias não foram destruídas. (GÔ, 1994, p. 82)

No trecho mencionado há uma descrição muito maior da cena que a personagem vê do que a menção que ela faz a respeito de sua tarefa escolar de escrita das cartas, mas é justamente através do apagamento dessa tarefa que fica claro o distanciamento do sofrimento das vítimas da guerra que se tinha até então, onde a população comum japonesa, os cidadãos da nação, não se preocupavam com a população comum de outros países que estavam sendo atingidos pelas atrocidades da guerra. Esse distanciamento ganha destaque em contraste com a paisagem de sofrimento descrita pela autora, o distanciamento passa a não existir mais a partir daquele ponto e em outros momentos da narrativa esse distanciamento será mencionado pela própria personagem para ressaltar sua participação na barbárie. Nesse ponto, o papel passivo nos esforços de guerra, que era especialmente ocupado pelas mulheres, toma forma de um discurso desumanizador que exaltava heróis de guerra que nada mais faziam senão matar outros seres humanos. Foi só vendo o sofrimento dos inocentes com seus próprios olhos que ela passa a entender o papel que ocupou no incentivo desse tipo de atrocidade, ao desempenhar o papel do qual até então se orgulhava profundamente enquanto cidadã japonesa.

As cartas enviadas por jovens aos soldados não é obra da ficção, as chamadas “cartas de encorajamento” eram uma prática relativamente comum no período onde as meninas eram forçadas a escrever cartas incentivando soldados

desconhecidos a morrerem pelo país e pelo imperador (AIKAWA, 1960). Uma das questões principais a respeito dessas crianças é que a maioria delas acreditava estarem fazendo o certo, mais do que isso, acreditavam que aquela era uma guerra justa, justificável, e por um bem maior. Isso porque os livros didáticos a partir do período Meiji começaram a reforçar o sentimento de nacionalismo através dos heróis locais (SEWELL, 2004). O Japão foi um país que teve seu território dividido durante muito tempo entre famílias que disputavam pelo poder, em um país recém unificado como aquele, era fundamental que se criasse um sentimento de unidade nacional e a melhor forma de fazer isso era através de uma educação que levasse não a reconhecer uma identidade, mas formá-la. Assim, a partir da década de 1890, os livros de história passaram a encorajar a reverência à instituição imperial e mesmo os níveis de polidez se modificaram para ensinar o respeito por determinadas figuras do país. Através da exaltação do herói nacional japonês, se dava o apagamento dos heróis dos outros povos e, assim, o Japão adquire um papel de protagonista numa narrativa de progresso e ordem. Mais do que estudar eventos, se estudavam pessoas, era comum que houvesse capítulos com nome de alguma pessoa importante. Quase todos os livros de história do período eram sobre a história política e militar, havia um apagamento dos aspectos culturais e sociais da história (BAXTER, 2007). Isso porque, em um momento que se busca exaltar e criar um sentimento de nacionalismo japonês, elencar a série de elementos culturais que vieram importados dos locais que eles pretendiam dominar não compactuava com os objetivos do governo.

O trecho de o diálogo a seguir, evidencia a persistência do discurso nacionalista na atitude da menina ante as incertezas de um discurso de oposição:

- [...] E eu já tomei minha decisão.
- E que decisão é essa?
- Lutar até o fim como uma leal cidadã japonesa e aceitar qualquer que seja o destino da nação.
- Isso é loucura. [...] Quando a guerra tiver terminado, haverá muito trabalho à espera de pessoas jovens e boas como você.
- Você tem todo direito de pensar sobre o que virá depois da guerra. Mas eu não. Desde que era pequena, eu escrevia cartas para os soldados na frente de batalha dizendo, “Por favor, lutem com todas as suas forças. Prometo defender a frente interna com a minha própria vida”. E ainda hoje, todos os dias, eu ajudo a produzir válvulas eletrônicas para o Japão, para a vitória. [...] Eu não tenho outra escolha a não ser continuar acreditando naquilo em que acreditei até agora.
- Eu sei muito bem quem fez com que você acreditasse nisso. [...] Mas os homens que doutrinaram você certamente não irão assumir a responsabilidade pelo que fizeram. Quando chegar a hora, o que eles vão fazer é trair você, com a maior tranquilidade do mundo.
- Não, não, não, não. Os nossos líderes jamais trairiam o povo. Nisso eu não vou acreditar nunca. (GÔ, 1994, pp. 132-134)

Esse tipo de argumentação resiliente é basicamente o tipo de criação dos livros de história que exaltam personagens históricos figurados como grandes heróis da nação. A mesma insistência da personagem no discurso nacionalista foi observada historicamente numa população que, nas mãos dos poderosos, foi educada para acreditar não ter outra escolha senão a aceitação de seu destino

enquanto cidadãos daquele país. A resiliência dos jovens japoneses era de nível extremo, uma vez que: “Se em alguma escola japonesa pedirdes aos estudantes de 14 a 16 anos que exprimam o seu mais vehemente desejo, noventa por cento responderão: <<Morrer pelo nosso Imperador>> (BAHIANA, 1932).

O que se precisa ter em mente nesse período é que mais do que esse sentimento nacionalista impulsionado pelo ensino das crianças, criou-se uma geração inteira de jovens tão bem doutrinados que realmente acreditavam que estavam fazendo a coisa certa até o último momento. Jovens tinham orgulho em oferecer a vida em nome de uma guerra que, longe do discurso governamental, estava longe de ser virtuosa (SEWELL, 2004). E Setsuko, enquanto amostra dessa geração demonstra seu desígnio até o fim da narrativa e, por mais que seus questionamentos avancem conforme a personagem descobre mais fatos sobre a guerra, sua atitude permanece vinculada ao ideal de cidadão que era ensinado à escola. Como a personagem diz no trecho, é isso que se espera dos cidadãos japoneses, um conceito de lealdade que suprime não apenas os desejos individuais como também o próprio instinto de sobrevivência e autopreservação.

O papel mais relevante da menina acontece durante o período que trabalhou na fábrica de válvulas eletrônicas. Muito embora seja o papel mais relevante que tenha ocupado nos “esforços de guerra”, a própria personagem reconhece o quão ínfima é sua participação mas ainda assim, sob um ponto de vista de tradição budista, reconhece a importância de cada pequeno papel e chega a levar seus esforços no trabalho às últimas consequências, trabalhando

com a saúde debilitada ou mesmo após ter visto um amigo morrer em seus braços em um bombardeio. O discurso que permeia a Guerra é sempre de um nacionalismo capaz de justificar essas atitudes extremas da população do país, sejam elas para com os outros, sejam elas para consigo mesmos. Setsuko é convocada para trabalhar no escritório, mas pede transferência para que possa atuar enquanto operária como que por um desejo urgente de servir à guerra diretamente.

[...] a minha é uma parte bem pequena do processo todo. Mas de forma alguma é uma etapa desprezível, já que sem ela não haveria válvulas eletrônicas. É a mesma coisa que a relação entre um país e as pessoas. E é por isso que eu acredito que, como um membro da nação japonesa, eu tenho um papel dentro da sagrada guerra pela conquista do nosso ideal de uma Esfera de Co-prosperidade na Grande Ásia Oriental. (GÔ, 1994, p. 34)

Faz sentido que o trabalho na fábrica ocupe grande parte da narrativa por ser o da protagonista, entretanto, a maioria das mulheres que trabalhavam na época estavam no meio rural. O Japão apresentou uma resistência muito maior que a americana no que diz respeito à atuação das mulheres no meio industrial uma vez que havia um conflito entre o papel social da mulher japonesa, do qual as autoridades não queriam que elas se afastassem, e as necessidades dos tempos de guerra (HAVENS, 1975). Por mais necessitado que estivesse o Japão, a força de trabalho feminina ainda era muito restrita. Mulheres casadas não eram chamadas para trabalhar nas fábricas, por isso o trabalho estava nas mãos de mulheres jovens como a personagem Setsuko, uma vez que as mulheres

costumavam casar por volta dos 25 anos (TEAUBER, 1958). Quando casavam, as mulheres se retiravam das fábricas, momento que também é retratado na obra:

– A Srta Matsui não está só saindo da cidade! -[...] - A Srta. Matsui está indo para casa para se casar com o noivo dela!

[...] A Srta. Matsui não está se casando pensando apenas no seu próprio bem! O noivo dela [e um veterano de guerra que foi ferido na batalha. Ele ficou cego. A Srta. Matsui tem que ir para casa cuidar do noivo e dos pais dele.

Não, você está enganada -[...] - É verdade que o meu noivo está cego e que os pais dele já são bem idosos. Mas eu não estou me casando porque ele é um veterano incapacitado, ou pelo bem do país. Eu vou me casar porque eu quero. É pela minha própria felicidade. (GÔ, 1994, pp. 104-105)

Com esse trecho podemos perceber mais uma atribuição da mulher no período da guerra, a de cuidar daqueles que voltam feridos da batalha ou com sequelas. Apesar de Matsui ter negado esse papel, o fato de outra personagem mais do que suposto, ter utilizado a ideia de cuidar do noivo como uma justificativa para o casamento da professora, indica como a ideia de mulher como uma cuidadora do marido era um papel recorrente. Cuidar de um soldado que volta ferido era como uma espécie de serviço direto ao país, e esse serviço era esperado das mulheres. Não apenas dos maridos, mas dos doentes em geral, as mulheres eram as enfermeiras da nação, as filhas cuidavam das mães, as mães cuidavam dos filhos, dos idosos, dos maridos, esse era considerado seu dever enquanto protetoras do lar. Esse cuidar do marido também tinha ligação com o papel básico da mulher na sociedade, o de casar e gerar a próxima geração.

A partir de 1941, as associações de mulheres, passaram a ser responsáveis pela promoção de uma ideia de casamento enquanto necessidade social e não individual. Assim, ele passa a ser associado não uma forma de manter a linhagem de uma família, mas a forma de manter a linhagem da própria nação japonesa, tornando-se uma ação ligada ao patriotismo e ao “bem da nação”. Com isso, o lema da “boa esposa e mãe sábia” passa a ser ainda mais defendido por meio dessas associações e acaba se tornando parte dos esforços de guerra. Yoneda (1972) ressalta como isso demonstra que as mulheres não eram vistas como uma fonte de mão de obra, como os homens na produção de guerra, mas como uma fonte de reprodutiva para gerar futura mão de obra (*apud* HAVENS, 1975, p. 929). Assim, enquanto mão de obra reprodutiva, seu dever se tornou gerar e criar novos cidadãos japoneses o que se pressupõe educá-los realizando a manutenção do modelo nacionalista de educação que era proposto na época, criando mais uma nação de cidadãos nacionalistas dispostos a dar a vida pelo imperador.

RACIONAMENTO E O MERCADO NEGRO

A relação das pessoas com a comida nos tempos de guerra é amplamente retratada em Réquiem, desde as refeições comidas nas fábricas, os contrabandos, as provisões especiais, as vendas mal intencionadas, do cozimento ao racionamento. No Japão, as donas de casa, mais do que encarregadas do trabalho doméstico, estão também em cargo do manejo financeiro da casa desde a segunda metade do Século XIX (KIMURA, 1987), sendo responsáveis por

controlar a entrada e saída do dinheiro da casa que o marido ganha, uma vez que não podem entrar no mundo do trabalho facilmente. Assim, durante o período da Guerra, era delas a responsabilidade pelo recebimento e controle das provisões fornecidas pelo governo. Em tempos de guerra, a comida era cada vez mais escassa e racionada e em 1944 a população mal conseguia acesso ao item básico da alimentação, o arroz branco (HAVENS, 1975). Manter os suprimentos para a família não era uma tarefa simples, mas ainda assim a culpabilização para aqueles que falhavam nessa tarefa era grande. O drama do racionamento é retratado através do olhar da protagonista a respeito da dificuldade de racionar alimentos.

Seria mesmo irresponsabilidade uma família com três crianças pequenas e poucas chances de aumentar seus suprimentos ver-se, de repente, sem provisões de emergência? Mesmo para a família de Setsuko, composta de três adultos, era necessário muito autocontrole para economizar comida. (GÔ, 1994, p. 88)

Setsuko se questiona sobre a culpabilização de uma mãe que não possuía mais suprimentos para alimentar seus filhos enquanto o olhar da sociedade é representado pela vizinha que critica o mau trabalho “dos pais” com o racionamento de suprimentos da família, por mais que estivesse se referindo diretamente à mãe. Sendo as responsáveis pela cozinha, invariavelmente o peso do racionamento acabava caindo sobre as mulheres por mais difícil que fosse lidar com o manejo de suprimentos a pressão não só do governo como da sociedade em geral era grande. A relação com a alimentação, especialmente com as privações, era vista como uma questão de honra que fazia parte dos esforços

de guerra. Setsuko, em suas cartas para Naomi, demonstra grande desaprovação àqueles que faziam negócios no mercado negro para conseguir mais suprimentos muito embora reconheça que os recebidos do governo nem sempre são suficientes. A mãe de Naomi era uma das donas de casa que realizava esse tipo de negociação que funcionava basicamente como um escambo dos móveis de sua casa, e alguns dos produtos que adquiriu chegaram a ser enviados como presente à família de Setsuko. No entanto, Setsuko, por seu pensamento nacionalista de cidadã japonesa empenhada nos esforços de guerra, escreve à amiga como se sentia desconfortável com a situação e que não aceitaria mais receber produtos do mercado negro. Mais do que recusar a gentileza de Naomi, a personagem de Setsuko relata na carta como era a reação das colegas de fábrica para com aquelas que ostentavam roupas boas e banquetes num período que isso não conseguiria ser adquirido senão ilegalmente.

Fiquei espantada de ver como elas ainda estão bem supridas. Essas coisas certamente não podem ter sido distribuídas oficialmente. Ou as famílias delas andaram armazenando secretamente um bocado de coisas, ou estão utilizando o mercado negro. Mas elas não parecem nem um pouco envergonhadas com isso. Pelo contrário, elas são alvo de inveja de todos os outros que não dispõem de tais luxos. (GÔ, 1994, p. 50)

O trecho mencionado evidencia a relação conflitante entre o nacionalismo que cobrava por esforços de guerra e a necessidade que tinha a elite de manter

seu próprio conforto independente da situação. Era a partir daí, através das mãos daqueles que possuíam bens para trocar, que o mercado negro tomava forma. Evidentemente a beleza estava longe da lista de prioridades, de forma que, a partir de 1930, o uso de cosméticos passou a ser desencorajado e as mulheres mais patriotas, criticavam duramente as demais pela falta de espírito japonês no período, tal como Setsuko reprova suas bem vestidas colegas de trabalho. Para além do suprimento de roupas, a estética em si também era alvo da pressão popular que buscava o nacionalismo através do que era considerado esteticamente japonês e, para controlar a ocidentalização, mesmo as curvas dos penteados permanentes passaram a ter seu número estritamente regulado, três para cada cliente (NEWMAN, 1942).

O CAMPO

Embora a narrativa de Setsuko se passe na região urbana, pequenas passagens mostram a relação da personagem, e de sua mãe, com a agricultura. Com a terra que seu pai e irmão tiveram que escavar para a construção do abrigo antiaéreo, ela e a mãe, plantaram abóboras. Com a comida escassa, qualquer lugar onde pudessem plantar alimento precisava ser aproveitado, entretanto, em meio ao cenário caótico da época, a maioria dessas hortas urbanas acabava morrendo, seja pelos bombardeios, seja pela falta de meios de irrigação. Pela dificuldade de fazer com que as plantas sobrevivessem, depois de terem perdido sua casa inteira com os bombardeios, em um momento de grande comoção, as

duas mulheres, Setsuko e sua mãe, se alegram ao encontrar um simples punhado de grama.

Tiveram um choque ao ver a terra escura debaixo da lâmina. Ao longo da borda de uma pedra de fundação havia várias fileiras de um verde-amarelado brilhante, como pedaços de fios de seda dispostos em filas. Brotos de grama: pálidos e frágeis, mas, sem dúvida, brotos de grama. Mãe e filha se agacham para tocar o verde. A mãe de Setsuko levou as mãos ao rosto e, por alguns instantes, soluções abafadas escaparam por entre os dedos. (GÔ, 1994, p. 40)

Mais do que em pequenas hortas, mas na agricultura como um todo, as mulheres passaram a trabalhar em maior número. Na verdade, quando se diz que as mulheres começaram a se tornar força de trabalho durante a guerra, a maioria delas estava sendo empregada no campo, estima-se que 60% das mulheres que ingressaram no mercado de trabalho do período, o fizeram pelo meio rural (HAVENS *apud* INOUE, 1975). O que significa que o mercado de trabalho feminino ainda estava, basicamente, restrito ao meio familiar. Lá, a mulher continuava com a dupla jornada de trabalho, se desdobrando entre as funções de dona de casa e de agricultora. Além de administradora do lar, a mulher seria uma espécie de cônsul da própria família e faz parte do seu papel manter as relações diplomáticas com as demais famílias da comunidade. Em um país como o Japão que frequentemente sofre com desastres naturais de grandes proporções, esse é um papel que está intimamente ligado à sobrevivência da família e garante um sistema de cooperação e união na comunidade. Essa manutenção da diplomacia, mais do que mantida, era essencial para a sobrevivência no período da guerra

quando, subitamente, as famílias se viam sem abrigo e as crianças se viam sem pais (KOYAMA, 1961).

Mais do que a fonte do alimento da população, o campo possuía também outro significado para o Japão em guerra: abrigo. Enquanto o conflito se desenrolava, o principal alvo dos bombardeios americanos eram as cidades e não as comunidades rurais. Por isso, por mais avançada que a guerra estivesse, as comunidades rurais conseguiam gozar de uma maior tranquilidade, pelo menos diretamente, uma vez que essas famílias sofriam com a ausência de notícias sobre todos aqueles familiares que haviam sido convocados para atuar nas frentes de batalha, elas também eram afetadas pelos bombardeios. Dada essa tranquilidade, a maioria aqueles que possuíam parentes no interior e oportunidade de passar um tempo junto a essas pessoas, o faziam. Mas havia mais uma razão para se abrigar no interior, além dos bombardeios.

Apenas em uma página é mencionado o massacre de Nanquim e a autora nos lembra de não um papel das mulheres, mas um destino delas nos tempos de guerra. Não tendo travado batalhas em seu território, o Japão manteve longe de suas terras as atrocidades que cometeu no período da guerra e, por isso, atualmente, muito pessoas desconhecem a todos os crimes que foram cometidos nesse período. As desavenças dos chineses e coreanos para com os japoneses, que ainda não realizaram um pedido oficial de desculpas que tenha sido aceito, mantém vivas as lembranças desse período para pelo menos um dos lados do conflito. O fato do personagem desconhecer o que os soldados faziam com as

mulheres do país inimigo, não é, em nenhum momento, um problema da narrativa, muito pelo contrário, demonstra a ignorância do povo diante dos efeitos da guerra.

Talvez mais chocante do que a existência de mulheres estupradas na guerra, seja a existência de escravas sexuais naquele período. Mulheres japonesas, chinesas e coreanas eram enviadas para as localidades das tropas no que eram chamados de “estações de conforto”. Um aspecto relevante sobre essas escravas sexuais, ou mais brandamente denominadas de “mulheres de conforto”, era que as vindas do Japão já eram prostitutas experientes enquanto as vindas das localidades ocupadas pelas tropas japonesas, eram mulheres comuns e muitas vezes jovens e inexperientes (TETSUO, 1993). O que é uma grande diferença de tratamento entre essas mulheres e há de se suspeitar que as japonesas estariam lá pelo mesmo motivo que as demais mulheres iam para as fábricas ou para as associações de mulheres, mas uma coisa é certa, as mulheres das nações inimigas do Japão não estavam naqueles lugares, sendo violentadas de inúmeras formas, por escolha própria muito menos por motivos patrióticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, se revisita o passado da mulher na Segunda Guerra Mundial, especialmente da mulher japonesa, através dos trechos da obra Réquiem de Shizuko Gô. Com o texto, se propõe uma discussão a respeito dos inúmeros

papeis que as mulheres desempenharam no meio urbano, de forma a percebermos como eles foram influentes durante o período por mais que sejam mantidos à sombra da história contada nos livros didáticos. As mulheres executaram papeis sem nome, elas não são condecoradas por serem mortas protegendo as crianças, elas não tem uma foto pendurada na parede por terem produzido as armas que os soldados utilizaram, ainda assim sem elas a guerra não teria seguido por tanto tempo.

Gostaria de ressaltar com esse texto que o apagamento do papel das mulheres na guerra tem ao menos duas graves consequências no presente. A primeira delas, e mais óbvia, é a permanência das mulheres como pertencentes a um grupo marginalizado da sociedade, onde suas realizações não são nem lembradas nem marcadas, de forma que, enquanto podemos nomear soldados e demais homens tidos como heróis de guerra, as mulheres permanecem sem nome e sem rosto. Dessa forma, se realiza a manutenção de um discurso que reforça a importância dos homens na política por mais que ela não acontecesse sem a existência de mulheres que realizassem o trabalho doméstico, rural e urbano. É por narrativas como essa que o trabalho feminino segue desvalorizado e elas continuam tendo dificuldade para ocupar seu espaço na vida política e no mercado de trabalho.

A segunda, é o distanciamento que se mantém entre a força do discurso e o envolvimento com a guerra. Tomando por base as experiências da personagem no livro, se vê como as mulheres, e demais homens que não estavam nos campos

de batalha, contribuíram para a que a guerra tivesse prosseguimento especialmente através de um discurso desumanizador dos povos inimigos. Não fosse a manutenção do sentimento nacionalista, boa parte das atrocidades de guerra não aconteceriam, uma vez que era essa ideologia que justificava essas ações. O fato das mulheres estarem longe dos campos de batalha não faz com que suas mãos estejam menos sujas de sangue do que os japoneses que mataram no período de conflito. É verdade que elas foram grandes vítimas e seu papel na guerra era basicamente sobreviver e garantir a sobrevivência da geração seguinte, entretanto, isso não é razão para que se esqueça do papel que elas tiveram na reprodução de um discurso nacionalista que justificava o prosseguimento da guerra.

Enquanto os grupos dominantes utilizam a história para a manutenção do poder, as demais classes devem se utilizar do conhecimento histórico para pensar sobre o presente, para não repetir os mesmos erros. Pensar sobre como os chamados “esforços de guerra” contribuíram de uma forma ou de outra para que a vida de milhões de pessoas tivesse fim, para que milhões de mulheres e crianças fossem violentadas. Foi necessário que a personagem do livro visse as atrocidades com os próprios olhos, que seus vizinhos e amigos morressem para que ela tivesse consciência que os inimigos que ela incentivava a matar, com objetivos que eram considerados pela população como nobres e honrosos, eram outros vizinhos e amigos. Ações de omissão também são ações, e livros como o de Gô nos alertam para que pensemos a respeito dos discursos que nós mesmos

estamos reproduzindo hoje e se esses discursos não estariam, de alguma maneira, contribuindo para outras mortes pelas quais não temos empatia.

REFERÊNCIAS

AIKAWA, T. **Unwilling Patriot**. Tokyo: Jordan Press, 1960.

BAHIANA, H. P. **O grande Japão**. Rio de Janeiro: Renasença, 1932.

BAXTER, J. C. Shaping National Historical Consciousness: Japanese History Textbooks in Meiji-era Elementary Schools. in **Writing Histories in Japan: Texts and Their Transformations from Ancient Times through the Meiji Era**. . Kyoto: International Research Center for Japanese Studies, 2007.

GÔ, S. **Réquiem**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

HAVENS, T. R.H. **Women and War in Japan, 1937-45**. Universidade de Oxford, *The American Historical Review*, Vol. 80, No. 4 (Oct., 1975) pp. 913-934 Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/1867444>> Acesso em: 25 Maio 2019.

HOBSBAWM, E. J. **Nations and nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality (Canto)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

KIMURA, S. **Nihon no Subete: Introduction to Japan**. Tóquio: Mitsubishi Motors Corporation, 1987.

KOYAMA, T. **The changing social position of women in Japan**. Paris: UNESCO, 1961.

LECLERCQ, Laurence. As mulheres na produção literária japonesa contemporânea: uma atuação de destaque. **Anais do XVII encontro nacional de professores universitários de língua literatura e cultura japonesa - IV Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil**. São Paulo, 2006.

NEWMAN, J. **Goodbye Japan**. Nova York: L.B.Fischer, 1942.

SEWELL, B. Reconsidering the Modern in Japanese History: Modernity in the Service of the Prewar Japanese Empire. in **Japan Review**, v.16. pp213-258. Kyoto, 2004.

TAKAMURE, I. **Joseishi kenkyû no tachiba kara**. Aozora Bunkou. Disponível em <https://www.aozora.gr.jp/cards/001780/files/56792_55501.html> Acesso em: 25 de Maio.

TEAUBER, I. B. **The population of Japan**. Princeton: Princeton University Press, 1958.

TETSUO, Asô “Hanayagi-byô no Sekkyokuteki Yobô-hô” (June 26, 1939). in **Shanghai yori Shanghai e: Heitan Byôin no Sanfujinkai**. Fukuoka: Sekifû-sha, 1993. pp. 214–230.

Recebido em: 25 jun. 2019.

Aceito em: 18 jul. 2019.